

# CONIC SEMESP

17º Congresso Nacional de Iniciação Científica

**TÍTULO:** A TRANSMISSÃO DOS ESTEREÓTIPOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**CATEGORIA:** EM ANDAMENTO

**ÁREA:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**SUBÁREA:** PEDAGOGIA

**INSTITUIÇÃO:** CENTRO UNIVERSITÁRIO GERALDO DI BIASE

**AUTOR(ES):** KARINE MUCIDA CARDOSO, ELLEN RODRIGUES BARBOSA

**ORIENTADOR(ES):** DIANA DOS SANTOS CARMO DA SILVA

Realização:

SEMESP 

Apoio:

  
UNIITALO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO ÍTALO BRASILEIRO

**RESUMO:** O estudo tem por objetivo geral investigar a relação entre a preferência das crianças na escolha do lápis de cor na construção dos estereótipos étnico-raciais na Educação Infantil. Nossa pesquisa básica tem um caráter qualitativo e faz uma análise crítica do contexto escolar em que as crianças estão inseridas. Tem característica exploratória e utiliza de uma pesquisa bibliográfica e de campo. Para a realização do projeto está sendo analisados os autores: Malachias (2007), Menezes (2002), Rodrigues (2012), Romão (2001), Santos (2001) e Silva (2010) dentre outros. Muitos professores permanecem acríticos ao observarem momentos de racismo na escola. Essa postura favorece a discriminação de modo que a vítima acaba por se sentir inferior e o ofensor continua transmitindo essa ideologia.

## **INTRODUÇÃO**

Diante de diferentes cores e raças e diversos tons de pele, grande parte das crianças escolhem o mesmo lápis de cor para se retratarem, o lápis rosa claro que ganhou o pseudônimo de lápis de cor de pele, mesmo não sendo próximo da cor de praticamente metade da população brasileira, e inclusive, muitas vezes, da criança que o escolhe.

Por isso este estudo pretende abordar as questões étnico-raciais e tem por problemática a relação entre a preferência das crianças na escolha do lápis de cor na construção dos estereótipos étnico-raciais na Educação Infantil e, o que pode influenciar a criança na escolha do lápis de cor para a construção de uma identidade racista ou não racista.

As relações étnico-raciais se constituem entre todos os indivíduos que se dividem em diversos grupos a partir de sua raça. Essa diversidade deveria ser valorizada, mas muitas vezes é depreciada pelos indivíduos, de forma inconsciente ou não. A desvalorização resulta em preconceito racial e discriminação racial, sendo:

Preconceito racial é uma concepção sem exame crítico, formada a priori, transmitida culturalmente de geração em geração. Caracteriza-se por ideias assumidas com propriedade, sem reflexão sobre sua racionalidade e sobre consequência de aderir ou não a elas (MALACHIAS, 2007 p. 58).

Ainda segundo Malachias (2007 p. 56) “discriminação racial é o ato de discriminar uma pessoa tendo como base a sua raça/cor de pele, com a intenção de preteri-la, ofendê-la, excluí-la, ou inferiorizá-la. Pode ser um ato explícito, dirigido diretamente à pessoa alvo, ou um ato camuflado.”

## **OBJETIVOS**

O estudo tem por objetivo geral investigar a relação entre a preferência das crianças na escolha do lápis de cor na construção dos estereótipos étnico-raciais na Educação Infantil. Para a consecução do objetivo geral, temos como objetivos específicos: identificar a influência do meio sobre a criança e suas escolhas na cor do lápis para representar a sua pele. Compreender o processo de transmissão dos estereótipos étnico-raciais no comportamento da criança.

## **METODOLOGIA**

Nossa pesquisa básica tem um caráter qualitativo e faz uma análise crítica do contexto escolar em que as crianças estão inseridas. Tem característica exploratória e utiliza de uma pesquisa bibliográfica e de campo. A coleta dos dados será realizada diretamente com profissionais da educação e alunos da Educação Infantil.

## **A TRANSMISSÃO DOS ESTEREÓTIPOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Para a realização do projeto está sendo analisados os autores: Malachias (2007), Menezes (2002), Rodrigues (2012), Romão (2001), Santos (2001) e Silva (2010) dentre outros.

Silva aponta com base na pesquisa de d'Adesky (2005) que em nosso país existem cinco sistemas de classificação de cor: o sistema do IBGE – branco, pardo, preto e amarelo; o sistema branco, negro e índio – referente a fundação da civilização brasileira; o sistema popular, com 135 cores do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios; o bipolar branco e não-branco – Ciências Humanas e, o bipolar branco e negro – movimento Negro. Por isso, podemos perceber a complexidade de um elemento identificador étnico no Brasil. (SILVA, 2010). Ainda segundo Silva (2010, p. 38):

Por ser móvel e plural, o modo de racionalização brasileiro reflete também o conflito e a negociação em torno da cor. Na realidade, este modo de racionalização traduz-se em uma instabilidade das categorias intermediárias (mulato, moreno, jambo, sarará etc.) e na maior fixidez das categorias branco e negro, devido à polarização hierárquica que representam.

Portanto, discriminação em relação à cor da pele e ao tipo de cabelo estão presentes no inconsciente da sociedade e também dentro da escola da Educação Infantil desde uma simples decoração da sala, onde são colocadas imagens de crianças pintadas na cor branca e com seus cabelos loiros ou pretos, mas sempre lisos, até mesmo no posicionamento dos próprios alunos brancos que preferem brincar entre si, excluindo os negros. Pode-se observar, ainda, o silenciamento dos professores sobre as diferenças, a fraternidade e o respeito entre elas. Embora as falas e as práticas não sejam muitas vezes conscientes, elas acabam por produzir, por seu caráter discriminatório, influências negativas e raciais no imaginário e na construção de identidade de todas as crianças.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

Muitos professores permanecem acríticos ao observarem momentos de racismo na escola. Essa postura favorece a discriminação de modo que a vítima acaba por se sentir inferior e o ofensor continua transmitindo essa ideologia. É provado que o preconceito está presente dentre as crianças a partir de sua educação, de seu meio sócio-cultural, porém muitos docentes optam por não acreditar nessa afirmativa. É preciso refletir, discutir e aliar-se a práticas políticas e profissionais com olhares inovadores para não só combater o preconceito, mas construir e conscientizar as crianças para termos uma sociedade melhor.

## **FONTES CONSULTADAS**

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo bom. Cabelo ruim.** Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola. v. 4. São Paulo: NEINB, 2007.

SILVA, Marcella de Holanda Padilha Dantas da. **Negritude e infância:** cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças. 2010 205 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.